

Quatro poemas

GABRIEL ALBUQUERQUE*
Universidade Federal do Amazonas

Um homem velho

*I still cry tears
I still fall in love
I still improve
Allen Ginsberg*

Mal o reconheci.
Vi de longe a figura
encurvada, de pele clara.
Os cabelos de um branco
sem mácula brilhavam
ao sol das três.

Dois rapazes passaram.
Parou e olhou demoradamente.
Continuou a caminhar
(sem pressa ou com dificuldade?).
Um terceiro.
Um quarto rapaz.
Um homem de trinta.
Olhou-os todos.

E me irmanei a ele

* Gabriel Albuquerque nasceu em Manaus, Amazonas em 1967. É professor na Universidade Federal do Amazonas. Publicou seus primeiros poemas em *Teresa*, revista de literatura brasileira (2001). Escreveu *Deus, amor, morte e as atitudes líricas na poesia de Hilda Hilst* (2012). *Diálogo dos Afetos*, ganhador do prêmio literário Cidade de Manaus (2019), é seu primeiro livro de poesia, contendo poemas escritos entre 1999 e 2012. Os *Poemas do Viado* fazem parte de um livro em construção.

no medo e na falta
do que teve
do que foi
do que é.

—

Botânico

Ainda guardo na carteira
A folha de nervuras espessas
Mas tão delicada que se perdia no centro da tua mão.

Era de manhã.

Andávamos pelo jardim.
Uma mulher, coitada,
Acompanhava nossos passos
Tão gentil a mulher e o sorriso
Que me dava.
Eu em silêncio
Seco como um poema parnasiano
Impávido.

Sentamos perto da fonte
E vi as moedas sob a água
A mulher sorriu
Qual o meu pedido?
Tremi. Fechei os olhos
E pela primeira vez no dia
Quase sorri.

De tarde, ouvi
Vou embora.

O Quarto da moça

Para Amanda Martins Müller – em seu aniversário

É pelos olhos do homem
Que o quarto da moça
Se desnuda.

Boudoir tecnológico nele
estão as roupas íntimas
finas blusas de algodão
o computador os jogos
eletrônicos e o micro system.

Os olhos do homem
deslizam pelos quadros e livros
(da teogonia aos quadrinhos em capa dura)
e param no pôster em que aquele lindo rapaz
já morto olha de relance
prometendo voltar num
“até breve”.

O homem nada sabe do
quarto da moça. Um novo pôster
dessa vez silente dama o domina
e a fina cortina se
abre.
Aquele moço ama uma menina.

Aquele moço

Como azeite escorrendo
Pelos caminhos da mão

Senti o arrepio
Aqui detrás do pescoço

Aviso antigo
De chegada imprevista
Vi o homem com a camisa aberta
Vi o homem com as calças justas

Ele não me vê
Eu não me insinuo
Mentiras
silêncios
sussurros

Se não me escondo
Ele me enfrenta.
Que leva hoje senhor?

Rosto sério
Voz agravada
Olho o relevo
Das calças ajustadas.

Murupi
Carne de sol
Pacovã
Macaxeira

Ele ri sem reproche
O moço joga pesado
Se leva tudo, vai grande o fardo.

Sou eu a rir por ora.

Levo o que preciso

Seguro o que posso.
Que faço pra levar esse troço?

Ah, esse é difícil.
O moço não consegue levar.
Mas, se quiser,
Pode pegar.